

AS POSSIBILIDADES DA EAD NO PROCESSO DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR DA PESSOA COM AUTISMO

Um estudo de caso

Rosana Gonçalves Gomes Cintra - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Mirtes dos Santos Jesuino - Universidade Anhanguera - UNIDERP - Matriz

Michele Alves Muller Proença - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO: O sucesso do aluno com necessidades educacionais especiais no Ensino Superior não se sustenta apenas pelo fato dele ter ultrapassado a barreira dos processos seletivos, mas também está diretamente relacionado com posturas institucionais e os recursos que lhe são oferecidos. O aluno com transtorno do espectro autista-TEA, pela dificuldade de interação social, comunicação e abstração, nem sempre corresponde ao que a escola preconiza. Nesse sentido, a mediação, seja por instrumentos ou pessoas, tem papel fundamental na inclusão deste aluno, auxiliando-o no aprender, organizar e processar as informações. A presente pesquisa, conduzida sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, contempla uma análise das intercorrências no processo de ensino e aprendizagem, mediatizado por pessoas e pelos recursos tecnológicos, de um sujeito com autismo, cursando Administração, na modalidade a distância. Este trabalho foi apresentado no IV Seminário Nacional sobre Educação e Inclusão Social de Pessoas com Necessidades Especiais, na cidade de Natal-RN.

ABSTRACT: The success of students with Pervasive Developmental Disorder in University will not be sustained by the fact that he has exceeded the barrier of selection processes, but also is directly related to attitudes and institutional resources that are offered. The pupil with autistic spectrum disorder, ASD, the difficulty of social interaction, communication and abstraction, not always match what the University recommends. In this sense, mediation, either by instruments or persons, has a fundamental role in the inclusion of the student, helping him to learn, organize and process information. This research, conducted from the perspective of Historical-Cultural Psychology, includes an analysis of complications in the process of teaching and learning, mediated by people and technological resources, a subject with autism, attending Board, in the distance. This paper was presented at the Fourth National Seminar on Education and Social Inclusion of People with Special Needs, in Natal-RN.

PALAVRAS-CHAVE:

Novas Tecnologias da Informação e Comunicação-NTICs; Educação a Distância; Autismo.

KEYWORDS:

New Information and Communication Technologies; E-learning; Autism.

Artigo Original

Recebido em: 04/12/2010

Avaliado em: 27/09/2011

Publicado em: 09/05/2014

Publicação

Anhanguera Educacional Ltda.

Coordenação

Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional - IPADE

Correspondência

Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas - SARE
rc.ipade@anhanguera.com

1. INTRODUÇÃO

Não está longe o tempo em que o deficiente, por força da sua “deformidade”, era excluído da vida e a sua função social reduzia-se exclusivamente a uma existência parasitária à custa da piedade dos outros (VIGOTSKI, 2004) e se por ventura fossem encaminhados para o escola comum, cabia ao atendimento especializado “adaptar” os alunos com deficiência às exigências da escola comum (MANTOAN, 1998). Estas práticas apenas reforçavam a condição de deficiência, e não os conduziam para um salto qualitativo na apropriação do conhecimento.

Analisando o processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da Educação Inclusiva, entendemos que vários são os fatores que corroboram para o acesso, permanência e sucesso do aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação, contrariando enfoques tradicionalistas que atribuíam aos próprios sujeitos a responsabilidade por todos os seus sucessos e fracassos.

O presente trabalho se propõe em analisar o processo de inclusão de um sujeito com autismo no ensino superior, na modalidade EaD, mediado por professores a distância, tutores locais, recursos audiovisuais, via satélite, e computadores conectados à Internet.

A escolha da temática deu-se por conta dos dois pilares de atuação profissional da pesquisadora, por um lado como técnica da Divisão de Educação Especial da Secretaria Municipal de Campo Grande-MS, e por outro como professora EaD, no curso de Administração do Centro de Educação a Distância da Universidade Anhanguera Uniderp. Quando da ocasião da ciência do fato de que em um dos polos presenciais estava matriculado um acadêmico com transtorno do espectro autista, vislumbrou-se a possibilidade de uma pesquisa mais detalhada nesta área.

Na construção do “estado do conhecimento” acerca desta temática, identificando lacunas, apontando necessidades e propondo novas possibilidades de investigação, observou-se que o campo do autismo e das psicoses está na encruzilhada de várias áreas do conhecimento. A diversidade de abordagens reflete a complexidade da temática, que não pode ser capturada por uma única perspectiva. A existência de interpretações plurais dificulta ou até impossibilita o diálogo entre pesquisadores. Há, contudo, certo consenso acerca de características e da nomenclatura utilizada.

Para realização do levantamento das fontes privilegiadas nesse momento, as dissertações e teses registradas no banco da Capes/MEC, que tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país.

Em uma visão panorâmica foram encontrados 305 (trezentos e cinco) documentos em diferentes áreas do conhecimento, podemos identificar a predominância das ciências humanas e de saúde na produção de conhecimento na área do autismo, quanto às áreas

psicologia (142 trabalhos), educação (78 trabalhos) e medicina (54 trabalhos) predominam nas pesquisas analisadas das múltiplas maneiras, admitindo diferentes respostas para as questões suscitadas no atendimento destas crianças e adolescentes com autismo.

Coelho (2005), em “O processo de apropriação da escrita de uma pessoa com autismo e deficiência mental severa, por meio de um estudo de caso”, a pesquisadora analisa mais pontualmente o processo de apropriação da escrita de uma pessoa adulta, com autismo e retardo mental profundo, apontando para a importância, conforme postula Luria e Vigotski, da afetividade na relação professor-aluno neste processo.

Maiola (2009), em “Práticas inclusivas na escola :O que os alunos têm a dizer sobre isso?” analisa as falas dos professores, dos colegas e de uma aluna cega com espectro de autismo como meio de compreensão das práticas pedagógicas. Para análise, a pesquisadora utilizou dos estudos de Vigotski e Mantoan, elegendo as categorias: sentido de inclusão escolar, práticas inclusivas, diversidade e diferença. A pesquisadora conclui que a convivência entre alunos com e sem deficiência podem contribuir para as práticas inclusivas em sala de aula, desde que tenha o apoio das estratégias pedagógicas desenvolvidas pelo professor.

Passerino (2005), em “Pessoas com autismo em ambientes digitais de aprendizagem: estudo dos processos de interação social e mediação fala da interação social mediada pelos recursos tecnológicos”, analisando principalmente o processo de interação social em diferentes ambiente digitais, concluindo que o uso de ambientes digitais de aprendizagem acompanhado de estratégias de mediação adequadas e adaptadas aos sujeitos mostraram-se relevantes no desenvolvimento e da interação social de sujeitos com autismo por que permitiram modelar níveis de complexidade controláveis de forma a ajustar seu uso à ZDP de cada sujeito.

Kern (2005), na pesquisa “Um Processo considerado bem-sucedido de inclusão escolar e a síndrome do autismo: Uma história com muitas vidas” focaliza o processo de inclusão de um aluno diagnosticado com síndrome de autismo, ressaltando inquietações materializadas durante a pesquisa: ausência de bibliografia direcionada para pedagogos sobre autismo e conflitos relativos às concepções clínicas que embasam o fazer pedagógico deste profissional. A pesquisadora aponta indicativos sobre as estratégias de inclusão escolar observadas.

Regiani (2009), na pesquisa “Formação, Percepções e Práticas de Professores Especialistas em Educação Especial que Atuam como Regentes em Classes Inclusivas” analisa as possíveis relações entre a formação, percepção e práticas dos professores especialistas em Educação Especial na perspectiva generalista. Apesar de apontar aprimoramentos nas práticas pedagógicas por conta da formação, a pesquisadora indica a necessidade de estágios e aprofundamentos do conteúdo sobre o autismo durante o processo de formação.

Suplino (2007), na pesquisa “Retratos e imagens das vivências inclusivas de dois alunos com autismo em classes regulares”, analisando construção dos conceitos de educação inclusiva no espaço escolar, conclui que no interior das relações psicossociais é que possibilita a compreensão do processo de inclusão dos alunos autistas.

Souza (2009) investigou “O trabalho do pedagogo como dispositivo frente aos desafios da escola inclusiva na Educação Infantil”, conclui que mesmo diante do pouco conhecimento por parte dos profissionais da escola em relação aos princípios norteadores do atendimento educacional especializado, para alunos com deficiência conforme a política nacional/MEC, o trabalho do pedagogo muito tem a contribuir com o processo de inclusão de alunos com deficiência na educação infantil a partir da organização da gestão pedagógica por meio do trabalho colaborativo entre o ensino regular e a educação especial com vistas a escola inclusiva.

Em todos os trabalhos analisados podemos destacar quatro aspectos predominantes, o primeiro aspecto é quanto à materialidade do fato, nestes trabalhos, tanto o comportamento do aluno com autismo, como dos professores, é considerado em diferentes dimensões, demonstrando propriedades de existência material. O segundo, diz respeito à objetividade das produções, na análise dos resumos verificou-se a preocupação dos pesquisadores na condução da investigação sob base sólida, com objetivos claros e mensuráveis. O terceiro é a opção metodológica, fundamentada no materialismo histórico e dialético, que não reduz o ser humano, entendendo-o como uma unidade da totalidade. O materialismo dialético se refere à realidade, sendo uma disciplina da razão, habilitando à leitura dos conflitos e contradições da sociedade. O quarto e último aspecto, diz respeito ao fundamento biossocial, colocando em evidência as seguintes categorias de análise interação, inclusão, mediação e totalidade, considerando sempre a relação estabelecida entre o sujeito e o meio em que ele está inserido.

A pesquisa bibliográfica em dissertações e teses dos Programas de Pós-graduação de Universidades Brasileiras possibilitou vislumbrar o interesse da comunidade científica na investigação de propostas que, por um lado, visam a assegurar o pleno direito de todos os alunos a uma educação de qualidade, e por outro lado, busca compreender as percepções dos envolvidos no processo de inclusão na sala comum do ensino regular: professores, alunos com deficiência e colegas de sala.

A preocupação com a inclusão do aluno com autismo no ensino comum é recente, justificando assim o número reduzido de pesquisas realizadas. Um fato relevante observado nesta pesquisa diz respeito ao fato de que todas as vivências práticas apresentadas disseram a respeito do aluno com autismo na Educação Básica, deixando assim um campo largo para novas pesquisas, como esta que ora apresentamos, por ser referir ao processo de inclusão deste aluno no Ensino Superior.

2. AUTISMO E COGNIÇÃO

Conforme Tuchman (2009), o termo “autismo” foi utilizado por Kanner em 1943 e por Asperger em 1943-1944, de modo independente e quase simultâneo, para descrever crianças com incapacidades do desenvolvimento e com uma singularidade caracterizada por profundo déficit de relacionamento interpessoal, sem contudo esgotar os estudos de suas muitas manifestações comportamentais. O termo é comumente utilizado como sinônimo de transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou transtorno do espectro autista (TEA), e caracteriza-se pelo comprometimento severo em três áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipadas.

Para termos uma visão mais abrangente, é importante considerar também outras duas características, o déficit na Teoria da Mente, ou metacognição, o que pesquisadores chamam de mindblindness ou “cegueira mental”, que se refere à habilidade do indivíduo de compreender que os outros possuem intenções mentais encoberta e na capacidade de reconhecer emoções, sentimentos, intenções em si mesmo e nos outros. Outro comprometimento que apresenta a pessoa com transtorno do espectro autista é o déficit na Função executiva, que interferem diretamente no planejamento das ações, controle de impulsos, organização de ambientes e flexibilidade de pensamento.

Nem sempre uma classificação, fruto de uma avaliação médica, psicológica e pedagógica, realizada no início da educação formal do aluno com deficiência, traz suas reais possibilidades de desenvolvimento geral. Mas, independente do grau de autismo a “tríade de prejuízos descrita por Wing (1996) encontra-se presente, a saber: prejuízo na interação social, prejuízo na comunicação e prejuízo na imaginação, podendo ser acompanhadas das outras características.

Estas dificuldades influenciam, de forma direta, a aprendizagem e a cognição, incidindo principalmente sobre as relações que o sujeito estabelece com o objeto do conhecimento, demandando diferentes formas de aprender, organizar e processar as informações.

Quando analisamos comparativamente as características do sujeito com autismo com a declaração pública assinada por 52 pesquisadores em inteligência, em 1994, definindo-a como uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão e percepção do mundo a sua volta, concluímos que para o desenvolvimento destas habilidades necessitamos de estratégias diferenciadas que promovam sua aprendizagem.

Outra característica apontada é a que grande parte das pessoas com autismo são “pensadores visuais” ou “visual thinkers” (GRANDIN, 1996, 1998; SACKS, 1995), ou seja, processam o pensamento em imagens, têm dificuldades em mudarem suas rotinas diárias, precisam de ambientes estruturados e organizados para aprender e têm uma falta de habilidade em percepção, compreensão e comunicação.

Podemos identificar no sujeito com transtorno do espectro autista - TEA, que é o mote da nossa pesquisa, diferentes condições de aprendizagem que interferem na sua funcionalidade acadêmica, porém não manifesta uma incompetência generalizada, possuindo muitas capacidades e habilidades que permitem o seu desenvolvimento. Neste arcabouço, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação- NTICs se apresentam não só como ferramenta de interação, mas também como elemento mediatizador no processo de construção de conhecimentos.

Neste contexto, o computador, pelas suas características, pode se apresentar como uma alternativa de romper as limitações. No processo educacional de pessoas com autismo, é importante considerar quatro características sobre o uso do computador: aumenta a habilidade de comunicação, melhora a cognição e ajuda nas atividades que envolvem coordenação motora.

De acordo com Murray e Lesser (2007), a utilização do computador por pessoas com autismo pode interferir positivamente na motivação, interação e concentração, nos remetendo diretamente a esta “tríade de prejuízos” e permitindo uma fácil maneira de reunir canais de atenção e driblar algumas das dificuldades mais características dentro do espectro do autismo.

3. MEDIAÇÃO COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA

O sujeito com autismo, como qualquer outra pessoa, inicia sua aprendizagem muito antes de freqüentar o ensino formal, mas segundo Vigotsky a aprendizagem escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento (LUCCI, 2006). Conforme este mesmo autor, o que melhor traduz o desenvolvimento mental refere-se a tudo aquilo que a criança poderá realizar com a ajuda de outra pessoa que sabe mais. Para ele, somente através do contexto histórico, social e cultural que a aprendizagem deve ser explicada.

De acordo com Vygotsky, todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico social de sua comunidade (LURIA, 1976). Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. São, isto sim, resultados das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. (MURRAY THOMAS, 1993).

Nesta perspectiva, entendemos que são relevantes os apontamentos de Vygotsky quanto a importância do papel do mediador do conhecimento, sejam elas pessoas adultas, companheiros da mesma faixa etária ou instrumentos. No caso analisado observamos claramente a presença destes mediadores: a mãe, os colegas de sala, a professora e os recursos tecnológicos, auxiliando para que o nosso sujeito pudesse ter condições favoráveis para o desabrochar do potencial criativo em diferentes dimensões.

Com intento de servir de árbitro entre as ações, a mediação concretiza, ilumina e dá significado às ações, não na condição de determinar ou estabelecer-se como verdade única, mas como um elemento desencadeador de reflexões sobre a ação, iluminando a prática seguinte, que por sua vez não tem um fim em si mesmo. Por sua vez, estas interações bem sucedidas com um sujeito mais capaz são internalizadas e se convertem em competências autônomas.

4. INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR

A inclusão no Ensino Superior de pessoas com autismo demanda um repensar na inflexibilidade e rigidez curricular que norteiam as práticas dentro do espaço das Instituições de Ensino Superior - IES e na busca de compreender que cada aluno possui seu próprio tempo e possibilidades dentro do processo de construção do conhecimento. Neste repensar, as IES têm a oportunidade de aprimorar suas concepções sobre aprendizagem, avaliação, utilização dos recursos e das diferentes modalidades de oferecimento dos cursos.

Apesar de ser vista ainda por muitos como uma modalidade de menor valor qualitativo do que a modalidade presencial, a Educação a Distância- EaD tem ampliado sua atuação no Ensino Superior, por conta da sua proposta diferenciada e pela contribuição quando a democratização do acesso ao conhecimento. A mediação humana e tecnológica têm se estabelecido como marcas desta modalidade de ensino, confirmando assim o entendimento que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação- NTICs transformam todas as dimensões da vida social e segundo Belloni(2003), e no contexto educacional, não podemos afirmar que a tecnologia é boa ou má em si, depende do uso que se faz dela e do contexto em que se insere. Na EaD, a sua aplicação aparece como eficiente e produtiva atendendo a diversidade do alunado, com ofertas mais adequadas às demandas sociais.

A ênfase no estudante, tão anunciada na educação em geral, na EaD deixa de ser um discurso no nível da retórica. A sua operacionalização concebe um ser autônomo, respeitado no seu tempo, formas de aprender, organizar e processar as informações. Neste processo, o professor torna-se parceiro dos estudantes no processo de construção de conhecimentos (BELLONI, 2003), não eximindo o aluno da responsabilidade pela sua formação, que pode ser oferecida à *la carte*, segundo os interesses de um conjunto de instituições produtoras e distribuidoras de cursos e materiais (BELLONI, 2003).

As considerações de Belloni (2003) apontam para um futuro promissor, para uma postura de enfrentamento à ordem pré-estabelecida, principalmente no que diz respeito à quebra de paradigmas convencionais, a este respeito Moran (2001) afirma que “Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos.”

Neste sentido, quando a EaD, utilizando a interatividade natural que a tecnologia proporciona, consegue romper com estes paradigmas convencionais, torna-se uma opção importante a ser considerada pelos alunos com necessidades educacionais especiais, em especial para sujeitos com transtorno do espectro autista, que é o mote da nossa pesquisa. Hardy et al (2002) apresenta posicionamentos frente a utilização do computador no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com autismo:

- Os indivíduos do espectro autista são incapazes ou não querem participar de atividades que envolvam a interação verbal ou social, o computador pode oferecer uma alternativa atraente, por meio de softwares específicos, para a compreensão da linguagem do corpo e para ensinar habilidades sociais;
- Muitas vezes, os indivíduos com ASD ou Aspergers são vistos como rudes, porque eles abordam diretamente as pessoas, não respeitando os turnos de falas; freqüentemente, a pessoa com autismo tem mais facilidades em conversar com um computador ou outra pessoa por e-mail do que com outra pessoa;
- Gráficos e programas de desenho simples podem oferecer um bom ponto de partida, e em caso de erro, pode ser editado, trocado ou reorganizado com pouco esforço, facilitando a externalização do pensamento;
- um ambiente seguro e controlado no qual a pessoa com espectro autista pode jogar, experimentar, explorar, ser criativo e errar;
- Programas oferecem uma boa oportunidade para que o indivíduo construa relacionamentos com os outros, portanto o computador pode ser uma ferramenta útil no trabalho cooperativo e incentivar o diálogo;
- podem achar difícil lidar com mudanças e demandas diferentes, o computador pode oferecer a ele a oportunidade, por meio da Internet e de aplicações multimídia, de acessar a uma livraria com todos os tipos de conhecimentos, indiretamente alterando a atenção e mudando o seu interesse, além de reforçar padrões de comportamento social adequados.

Não podemos deixar de considerar que, a ampla utilização dos recursos das NTICs está ligada diretamente ao nível de desenvolvimento de cada sujeito. (VIGOTSKI, 2004). A pessoa com autismo pode apresentar diferentes condições de funcionamento que interferem diretamente na sua aprendizagem, mas o seu nível de desenvolvimento não pode ser medido a partir da sua zona de desenvolvimento imediato ou atual.

Na sua teoria Vigotski (1998) afirma ter outro nível, o de desenvolvimento potencial, que consiste na capacidade de desenvolver tarefas com ajuda do outro, seja de um adulto, de colega mais experiente, instrumentos e signos. Kohl(1997), afirma que na teoria de Vigotski é fundamental as possibilidades de alteração no desenvolvimento de uma pessoa pela interferência de outra, chamando este espaço de “Zona de Desenvolvimento Proximal”, que é assim definida:

Ela é distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes(VIGOTSKI,1998, p. 112).

É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência do outro, seja de um adulto ou de um companheiro mais experiente, produz maior transformação e este processo acontece de forma diferenciada em cada pessoa.

5. DA PRÁTICA À TEORIA

O desafio de incluir no ensino comum pessoas com autismo requer repensar na inflexibilidade e rigidez curricular que norteiam as práticas dentro do espaço escolar, nos diferentes níveis, etapas ou modalidades da Educação. Dentre as reflexões necessárias, a compreensão que no processo de construção de saberes, cada aluno possui seu próprio tempo e que a aprendizagem na maioria das vezes não acontece de forma direta, mas sim de forma mediada, seja por instrumentos, signos ou pessoas mais experientes, se apresentam como fundamentos de viabilização do processo.

Neste sentido, destacaremos a modalidade de ensino educação a distância e os elementos mediadores envolvidos no processo, como professor local, teleaulas via satélite, as NTICs que possibilitam as tutorias eletrônicas e chat, entre outros recursos, propiciando ao sujeito com autismo as condições necessárias para eliminar as barreiras de acesso ao currículo, promovendo sua formação integral com vistas à autonomia, independência e emancipação.

Para dar início ao processo investigativo, no sentido de compreender e analisar as situações que envolvem a prática educativa com vista à transformação da realidade educacional com a inclusão de um aluno com autismo no ensino superior, na modalidade a distância, retornou-se a questão norteadora da pesquisa: As Novas Tecnologias de Informação e comunicação - NTICs tiram do foco a chamada tríade de dificuldades - comunicação, interação social e uso da imaginação das pessoas com autismo, abrindo possibilidades de interações desta pessoa com o ambiente sócio-cultural, potencializando assim, o desenvolvimento da cognição e da aprendizagem?

A partir da intenção investigativa de compreender e analisar as implicações da ação mediadora das NTICs no processo de aprendizagem do aluno com autismo, buscamos organizar a pesquisa nos seguintes parâmetros:

5.1. OBJETIVOS

GERAL

Descrever as possibilidades no processo de ensino e aprendizagem da pessoa com autismo

com a inserção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e das Teleaulas, na prática educativa do Ensino Superior, na modalidade EaD.

ESPECÍFICOS

- Arrolar pontos de similaridades no desenvolvimento do aluno com autismo com relação aos demais alunos não portadores de deficiência ;
- Descrever a relação aluno/professor /saber, com a inserção das NTICs e Teleaulas;
- Analisar a interação da pessoa com autismo com os ambientes virtuais de aprendizagem;
- Analisar o discurso do aluno e do professor para compreender os fatos observados.

Após a fundamentação teórica consistente relacionada à natureza dos comportamentos assumidos pela pessoa com autismo e as implicações intercorrentes ao seu processo de ensino e aprendizagem, analisamos as condições oferecidas para realização do curso de Administração.

As telaulas acontecem em uma sala de aula do polo de apoio presencial, contando com um sistema de transmissão via-satélite e um computador ligado à Internet, por onde acontece a interação em tempo real com o professor EaD¹. O espaço da sala de aula presencial é coordenado por um professor tutor presencial, habilitado em Administração, responsável pelo encaminhamento das atividades propostas pelo professor EaD e por apresentar os questionamentos feitos pelos alunos, via ambiente virtual de aprendizagem- Moodle, para o professor EaD.

Além das teleaulas, que acontecem duas vezes na semana, é proposto para os alunos a realização de atividades de autoestudo, como parte da carga horária obrigatória do curso. Para estas atividades são indicados sites de pesquisa em áreas específicas, na busca de resoluções de problemas e desenvolvimento de projetos.

O uso desta metodologia no processo de formação acadêmica do aluno, requer do aluno autonomia nas ações e conhecimentos básicos dos recursos tecnológicos oferecidos como facilitadores de sua aprendizagem.

Para compreensão das práticas constituídas, na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, adotamos como instrumentos de coleta de dados a observação e entrevistas semi-estruturadas. A observação foi realizada em ambiente natural, no contexto da prática pedagógica da sala de aula do polo de apoio presencial, nos oferecendo condições de análise das percepções do professor local, bem como do aluno com autismo e dos demais colegas de turma.

A entrevista semi-estruturada partiu de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, oferecendo muitas interrogações que foram surgindo frente às respostas recebidas, sem, contudo sair do foco principal. Pelo fato de não ser totalmente aberta, tomou-se como base questões guias, quase sempre abertas. Durante as entrevistas foram inseridas

¹ Terminologia utilizada para denominar os professores que ministram aulas via satélite.

outras questões que apareceram de acordo com o clima e em relação às informações relativas à temática pesquisada.

As respostas obtidas e as percepções do pesquisador foram transcritas detalhadamente. Bourdieu (1999) aponta algumas sugestões para com a transcrição da entrevista que é parte integrante da metodologia do trabalho de pesquisa. Para este autor, uma transcrição de entrevista não é só aquele ato mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante, pois, de alguma forma o pesquisador tem que apresentar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista. Nesta perspectiva, buscou-se relatar minuciosamente todos os eventos ocorridos e percebidos no decorrer do processo. As entrevistas foram realizadas com a professora local, com os colegas de sala e com a mãe do aluno, que também é colega de turma.

As identidades dos sujeitos, por força de sigilo profissional, foram confidenciais e guardadas, e como forma de preservação destas identidades os nomes utilizados são fictícios. Na descrição das características abordaremos aspectos como a história de vida do sujeito, as percepções da professora, da mãe e dos colegas da turma.

Segundo depoimento de Amanda, mãe do sujeito da pesquisa, Edwin, com a idade atual de 27 anos, foi o primeiro filho de uma prole de três filhos. Amanda, na sua pouca idade, 20 anos, sem experiência, não sabia nada a respeito de deficiência ou de transtornos globais no desenvolvimento, mas percebia que seu filho, apesar da sua beleza, era diferente das outras crianças, ele não falava e tinha comportamentos diferentes, principalmente à noite, ora batia com os bracinhos no berço a noite toda, ora não dormia e queria ficar andando, ora chorava ininterruptamente ou gritava sem parar. Nestas ações Edwin revela características apontadas por Mink e Mandelbaum (2009):

Os critérios diagnósticos do autismo incluem a presença de “padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades” (APA, 1994). Tipicamente, os comportamentos citados emergem no início da infância e podem persistir até a idade adulta. (MINK e MANDELBAUM, 2009, p. 85).

Edwin começou fazer o tratamento com dois anos, mas o campo de pesquisa nesta área, era bastante restrito, somente depois de 3(três) anos de tratamento é que os médicos chegaram a um consenso, caracterizando um quadro de autismo infantil. Realmente, este é um campo de pesquisa recente, a este respeito Raphin e Tuchman (2009) confirma que:

A terceira edição do manual estatístico de transtornos mentais (DSM-III; APA,1980) introduziu a expressão “transtorno global do desenvolvimento” para se referir a um grupo de transtornos do desenvolvimento definidos pelo comportamento, que compartilham a sintomatologia do autismo clássico como descrito por Kanner. (TUCHMAN, 2009, P. 36).

Mesmo diante da inexperiência e da falta de modelos, a família de Edwin, como primeira instituição que pode, com propriedade, fomentar a discussão sobre a inclusão e a necessidade de compreensão dos fatores envolvidos no processo, buscou oferecer para a criança um ambiente familiar acolhedor, embora conscientes de que a chegada dele alterou para sempre o ritmo de vida de todos os membros da família. Mesmo assim, a

mãe não o tratou e nem deixou que ele fosse tratado como incapaz, Edwin sempre teve responsabilidades, assim como os demais componentes da família.

O envolvimento da família, no processo de desenvolvimento da pessoa com deficiência resulta em mudanças de atitudes em toda uma sociedade. Acerca desta necessidade de mudança de Paula (2007, p. 12) diz:

Para mudar essa atitude é necessário o envolvimento direto das famílias e que esse processo de mudança seja iniciado por elas, uma vez que a formação do cidadão começa em casa. É na família que são desenvolvidos valores, hábitos e idéias sobre as coisas e o mundo.(PAULA, 2007, p.12).

Desde a adolescência Edwin demonstrou interesse pelo uso do computador, fazendo grande parte dos seus deveres escolares com o auxílio do equipamento. Este interesse estimulou a sua mãe propor para Edwin que fizesse um curso na modalidade a distância, o que para surpresa de muitos, inclusive da mãe, foi prontamente aceito por Edwin, que além de confirmar que queria ser inscrito, foi enfático em afirmar que queria fazer Administração.

Sobre estas mudanças Raphin e Tuchman(2009, p. 38) afirmam que:

As manifestações comportamentais das pessoas com transtornos de espectro autista(TEAs) mudam e, em geral, melhoram com avanço da idade. Por exemplo, à medida que o indivíduo entra na idade adulta, costuma ocorrer melhora do isolamento social, embora perdurem a escassez de habilidades sociais e os prejuízos na capacidade de manter relacionamentos com seu pares (HOWLIN et al., 2000, 2004, apud TUCHMAN, 2009, p.38).

Amanda fez sua inscrição no curso e a do seu filho, Edwin passou em 28º lugar no vestibular e está finalizando o curso de Administração. Quando questionada sobre como as questões pertinentes às práticas educativas oportunizadas pelo oferecimento da formação superior em Administração, na modalidade a distancia, no processo de ensino e aprendizagem de seu filho e colega de sala, Amanda afirma que o uso do computador aumentou a sua habilidade de comunicação, melhorou a sua aprendizagem e o ajudou nas atividades que envolviam a coordenação motora fina. Amanda, que também é pedagoga e exerce a profissão de coordenadora pedagógica em uma unidade escolar, ainda afirma que a interação com os professores EaD, mediada pelos recursos via satélite e das NTICs, possibilitaram ao seu filho a demonstração de uma capacidade acima da média em matemática, chegando a superar os colegas e a própria mãe.

Edwin assiste as aulas ministradas, via satélite, realiza as atividades, interage com os professores EaD por meio do computador, colocando seus questionamentos na tutoria eletrônica e realizando seus trabalhos com o auxílio do computador.

A professora tutora presencial, que acompanhou Edwin durante os quatro anos do curso, pontua que os recursos tecnológicos foram instrumentos auxiliares no processo de aprendizagem do aluno, auxiliando-o no desenvolvimento de habilidades de interação social e na realização de tarefas, pois ele já tinha alguma intimidade com a máquina e gostava de usá-la. A professora também aponta que, na EaD, o fato do aluno não manter contato físico

com o professor é um facilitador para o aluno com autismo, que pela própria natureza da síndrome, apresenta extrema introversão.

Entre os colegas de turma de Edwin, é consenso que a utilização da tecnologia facilitou o acesso à informação para todos os alunos, independente das suas diferenças individuais, oportunizando a exploração dos recursos, a criatividade e a depuração dos erros, enfatizando que o email, durante o curso, foi muito utilizado como instrumento de comunicação nas relações acadêmico/acadêmico e acadêmico/professor por todos os alunos.

Outro aspecto observado no decurso da pesquisa, foram as sucessivas vivências afetivas e sociais ocorridas entre o aluno com autismo e o restante da turma, envolvendo inclusive professores EaD e o professor local. Na relação professor-aluno e aluno-aluno, neste contexto, as diferenças individuais, as formas de aprender de cada um, os limites e possibilidades que todos apresentam no processo de ensino e aprendizagem e a falta de habilidade nas interações sociais apresentadas por Edwin, características próprias do quadro de autismo, antes de servirem como barreiras impeditivas ao processo de ensino e aprendizagem, constituíram-se em desafios que foram superados paulatinamente, contando sempre com a mediação dos recursos da multimídia que possibilitaram a aprendizagem colaborativa no desenvolvimento de trabalhos em grupos, participação em chat e na tutoria eletrônica.

Murray (1997) considera que para as pessoas com autismo, a tela do computador sugere uma mediação para evitar a relação direta. Podendo ser focada a atenção na tela, sem sentir-se ameaçado, permitindo fazer confidências, se relacionar com os colegas ou com um professor que também está presente.

Desta forma, a mediação por meio de instrumentos, signos ou pessoas mais experientes e as relações afetivas e sociais, desde os primeiros vínculos de cuidado na família até as interações em ambientes socialmente mais amplos como a instituição de ensino superior, corroboram para o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores de pessoas com autismo, principalmente por “trabalharem” na falta de habilidade social, na linguagem e na inflexibilidade de pensamento, características específicas apresentadas por estas pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão educacional de pessoas com autismo é um processo complexo, que encontra diferentes matrizes, transformando cada situação em um caso singular e fazendo com que as propostas utilizadas em um determinado contexto necessitem de reformulações e reconfigurações em outros. Não faz muito tempo que a comunidade científica considerava estas pessoas como psicóticas. (KANNER, 1943). Este termo se configurava como uma

barreira invisível, distanciando esta criança da convivência social e conseqüentemente, da escola.

Os estudos de Kanner(1943), descrito após observação de onze crianças que passaram por sua consulta no artigo “distúrbios autísticos do contacto afetivo”, permitiu que a criança com autismo não fosse mais classificada como psicose infantil, mas sim com um transtorno global do desenvolvimento que afeta o comportamento adaptativo e o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores em três áreas específicas: linguagem, interação social e flexibilidade de pensamento.

Apesar destas características persistirem ao longo do desenvolvimento deste sujeito, elas não refletem as suas reais possibilidades de aprendizagem. O trabalho de enfrentamento a estas limitações, desenvolvido primeiramente pela família e posteriormente pela instituição escolar, visualizam este sujeito como ser histórico e social que se desenvolve a partir da relação estabelecida com o meio e em exposição direta aos “instrumentos culturais”, concebidos por Vygotski e Luria(1930), como arsenal de recursos, artifícios e dispositivos que ampliam o nível de desempenho.

Neste sentido, a utilização destes instrumentos culturais de forma mais efetiva, assegurada pela ação dos elementos mediadores no processo de ensino e aprendizagem, com o aporte das NTICs, possibilitou o desenvolvimento de Edwim nas três áreas caracterizadas como deficitárias na pessoa com autismo, linguagem, interação social e flexibilidade de pensamento.

Outro aspecto, não menos importante foi observado na área específica da matemática, quando o aluno recusava a ajuda de colegas e da própria mãe, na resolução de problemas propostos pelo professor EaD, alegando que eles não sabiam resolver as questões. Neste caso, o aluno demonstrou capacidade de construção de conhecimentos abstratos e utilizá-los adequadamente, rompendo com paradigmas de que a pessoa com autismo não consegue realizar metacognição, isto é, capacidade de reconhecer a sua própria aprendizagem.

Considerando as diferenças individuais do educando quanto a formas de aprender, organizar e processar as informações, a presença constante de elementos mediadores, como professores EaD, professor local, colegas de classe, a mãe, com o suporte das NTICs, deu significado às ações, não na condição de determiná-las ou estabelecer-se como verdade única, mas como um elemento desencadeador de reflexões sobre a ação, apontando para práticas seguintes, que por sua vez não tem um fim em si mesmo.

A graduação no curso de Administração, como primeira etapa do último nível de ensino, na modalidade a distancia, utilizando-se dos elementos mediadores do processo, ofereceu condições educacionais que transformaram as relações estabelecidas do educando com o conhecimento, dando-lhe segurança para desenvolver suas potencialidades.

A referida análise aponta uma experiência exitosa de inclusão no Ensino Superior, e

nos alerta para necessidade básica de políticas inclusivas direcionadas ao público alvo da educação especial, objetivando viabilizar e potencializar suas aprendizagens na perspectiva do saber fazer, olhando para esse sujeito não com um ser inferior e limitado, mas como um ser que, ainda de maneira diferente das normas e dos padrões estabelecidos pela sociedade dos “normais”, aprende.

A discussão suscitada neste artigo é abrangente, requerendo diferentes olhares para a realização das análises. Assim, este trabalho aponta vários objetos para novas pesquisas que fogem ao que foi proposto inicialmente.

REFERÊNCIAS

- BARTHOLLO, Roberto; TUNES, Elizabeth. O trabalho pedagógico na escola inclusiva. In: TACCA, Maria Carmem. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea. 2006.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas-SP:Autores Associados,2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional para Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC.2008.
- GONZÁLEZ REY, Fernando L.. O Sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmem. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea. 2006.
- HARDY et al, **Autismo e domínio das TIC**, David Fulton Publishers , 2002
- Informática na Educação: Teoria & Prática*. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pág. 137-144. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov.htm> acessado em 10 de abril de 2010
- LUCCI, Marco Antonio, A proposta de Vigotsky: A Psicologia sócio-histórica. **Revista de curriculum y formación del profesorado**. 2006. Disponível em <http://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2res.pdf>. Acesso em 10 de out. 2009.
- Mainstream Science on Intelligence. Disponível em http://www.lrainc.com/swtaboo/taboo/wsj_main.html. Acesso em 10 de abril de 2010.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ensinando a turma toda**: as diferenças na escola. São Paulo. 2008. Disponível em < <http://www.bancodeescola.com/turma.htm>>. Acesso em 10 de out. de 2009.
- MANDELBAUM, David E., MINK, Jonathan W. Estereótipos e Comportamentos Repetitivos: Avaliação Clínica e Base Cerebral. Em TUCHMAN, Roberto. **Autismo**: abordagem neurobiológica. Porto Alegre:Artmed.2009.
- MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo, SP:Papirus. 2001.
- MURRAY, D. and Lesser, M. (2001) **Autism and Computing**. [WWW] Disponível em <http://www.abilitynet.org.uk/content/factsheets/pdfs/Autism%20and%20Computing.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2010.
- PAULA, Ana Rita de. **A Hora e a Vez da Família em uma Sociedade Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, 2007.
- RAPIN, Isabelle , TCHMAN, Robert F. Onde Estamos : Visão Geral e Definições. In: TUCHMAN, Roberto. **Autismo**: abordagem neurobiológica. Porto Alegre:Artmed.2009. p.17-34.
- SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTAROSA, Lucila Costi. Et alli. **Ambiente de aprendizagem computacionais como “prótese” para o desenvolvimento de jovens portadores de paralisia cerebral.** Integração, Brasília, n. 17 p. 33-40,1996.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Educação Superior a distância:**gestão da aprendizagem e produção de materiais didáticos impressos e on-line.Tubarão:Ed. Unisul.2005

SIRGADO, Angel Pino. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano . *Caderno CEDES*, Campinas, vol. 24, p. 38-51. 2000.

TUCHMAN, Roberto. **Autismo:** abordagem neurobiológica. Porto Alegre:Artmed.2009.

VIGOTSKI, Lev S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Pontes . 1998.

_____. **Pensamento e Linguagem** . São Paulo: Martins Pontes . 1993.

_____. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Pontes . 2004.